
Deposições rituais de vasos cerâmicos em contextos domésticos: os exemplares do povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra)

JOÃO LUÍS CARDOSO*

R E S U M O

A identificação de dois recipientes colocados ritualmente em posição invertida, conotáveis com a derradeira fase de ocupação do povoado calcolítico do Outeiro Redondo (Sesimbra), e deste modo com uma cerimónia de abandono do próprio sítio arqueológico, conduziu à procura de exemplos comparáveis. Tal procura estendeu-se, depois, às evidências de utilização ritual, em contextos habitacionais, de recipientes cerâmicos, desde a época a que pertencem os exemplares em causa, até ao Período Romano. Teve-se ainda em consideração o contributo da Etnografia e da Arqueologia africana, através da experiência do signatário, relacionada com intervenção arqueológica que dirigiu em unidade doméstica do século XVII/XVIII da ilha de São Vicente (República de Cabo Verde). Sem se pretender assumir a continuidade desta prática ritual no actual território português, desde o Calcolítico até pelo menos à Época Romana, por poder tratar-se de uma simples convergência, recorrentemente verificada ao longo da Idade do Bronze e do Ferro. Como se deverá interpretar o achado do Outeiro Redondo? As evidências assinaladas através do uso ritual de recipientes cerâmicos em contextos habitacionais podem ter um significado ligado ao próprio quotidiano, como no povoado de Fraga da Pena (Fornos de Algodres). Aquelas afiguram-se, contudo, mais abundantes e expressivas no que se refere quer às práticas de natureza fundacional, quer às relacionadas com o abandono; por vezes, dada a presença de aves sacrificadas, tais rituais poderiam também revestir uma função propiciatória, que não é incompatível com as duas funções mencionadas, também elas não incompatíveis entre si.

A B S T R A C T

The identification of two recipients clearly placed in inverted position, related to the last phase of occupation of the Copper Age settlement of Outeiro Redondo (Sesimbra) and to a ceremony of abandonment of the archaeological site itself, has conducted to the search of similar examples. Such a quest extended to the evidences of the ritual use in household contexts of ceramic vessels since the Copper Age to the Roman Period. We took into consideration the contribution of African Ethnography and Archaeology, namely the results of the archaeological excavation in a domestic unit from XVII/XVIII century in the island of São Vicente, Republic of Cape Verde. Not wanting to assume the continuity of this ritual exer-

cise in the present Portuguese territory since the Copper Age to at least Roman times, throughout Bronze and Iron Ages, the evidences of the ritual use of ceramic vessels in household contexts can have several meanings: they can even be connected to the quotidian itself as in the settlement of Fraga da Pena (Fornos de Algodres), but are more abundant and expressive in what concerns either rituals of foundation or abandonment; sometimes, given the presence of sacrifice birds, such rituals could also have a propitiatory function which is not incompatible with the two previous functions, also non-incompatible themselves.

1. Introdução

O povoado calcólico fortificado do Outeiro Redondo (concelho de Sesimbra) implanta-se no topo de uma elevação que constitui o remate noroeste de um alinhamento de calcários duros jurássicos de orientação NE-SW, correspondendo, sucessivamente, à localização do castelo de Sesimbra, do alto do Moinho da Forca e do correspondente ao deste povoado pré-histórico (Fig. 1). As suas coordenadas geográficas são as seguintes: 38° 27' 16" lat. N; 9° 06' 02" long. W de Greenwich.

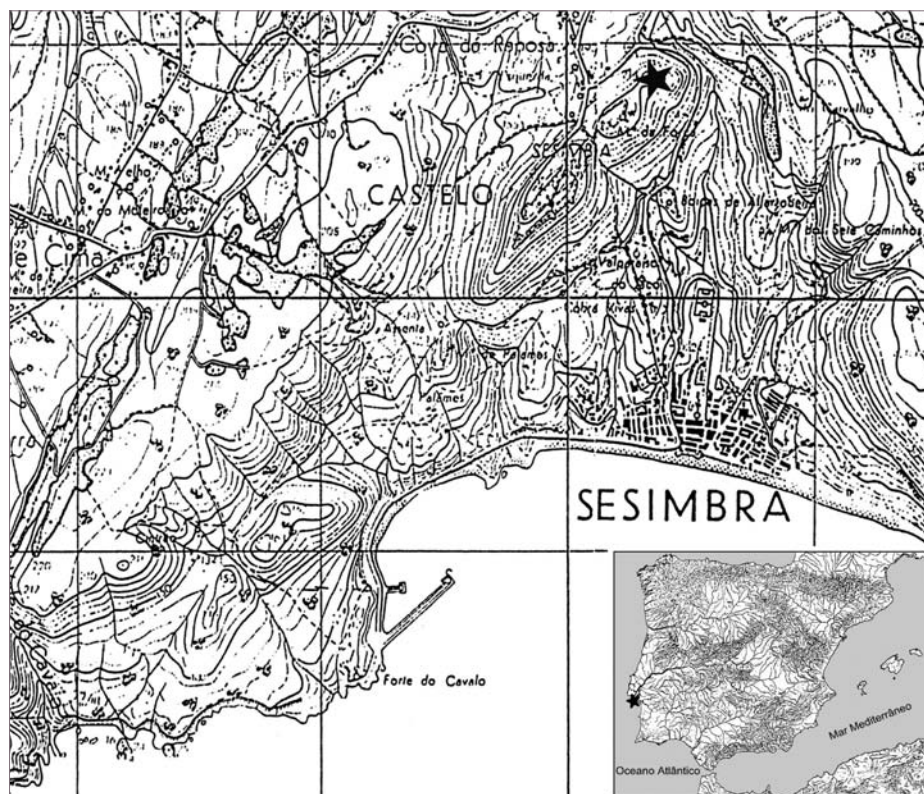


Fig. 1 Localização do povoado calcólico fortificado do Outeiro Redondo na Carta Militar de Portugal na escala de 1/25 000 (Folha 464, Sesimbra. Lisboa: Serviços Cartográficos do Exército, edição de 1964) e na Península Ibérica. Obs.- comprimento do lado da quadrícula: 1 km.

Ao abrigo do Projecto de Investigação aprovado e financiado pelo ex-Instituto Português de Arqueologia “Povoado Pré-Histórico de Sesimbra” (2004–2007), realizaram-se sucessivas campanhas arqueológicas de escavações entre 2005 e 2008, dirigidas pelo signatário; a última só foi possível graças à comparticipação financeira obtida junto da Fundação Calouste Gulbenkian. Com a

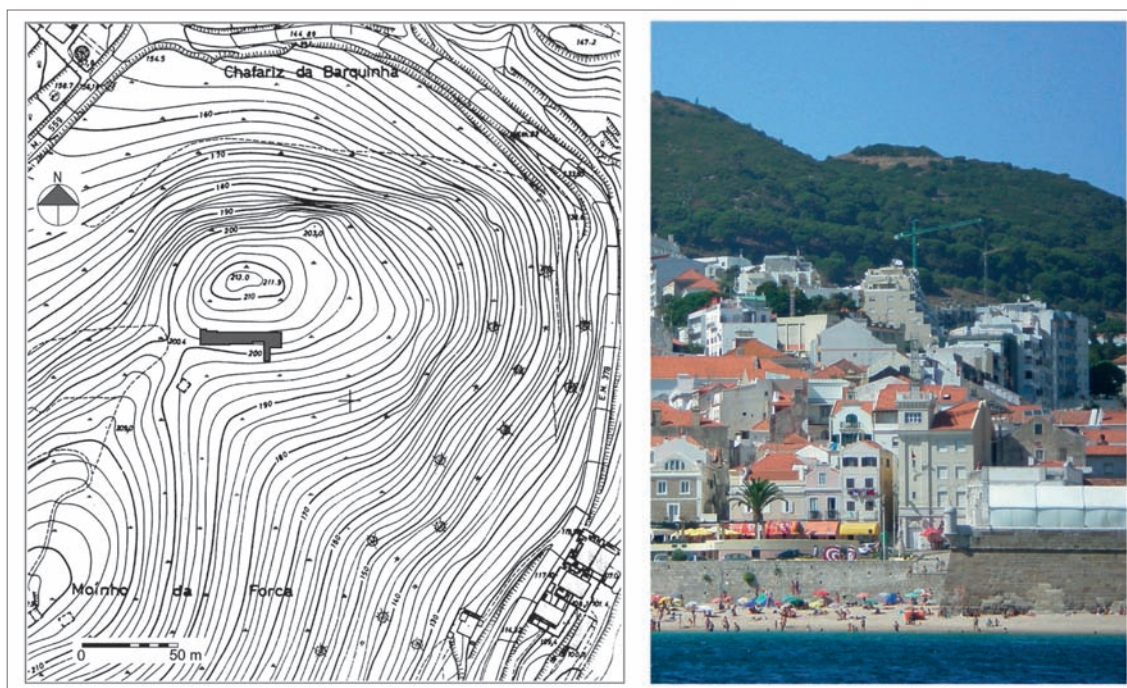


Fig. 2 Povoado calcólítico fortificado do Outeiro Redondo. Planta à escala original de 1/2000, com a implantação da área escavada entre 2005 e 2008 (à esquerda) e o morro visto do mar, observando-se a área onde se efectuaram os trabalhos (à direita). Foto J. L. Cardoso.

sua realização, pretendia-se caracterizar o modo como se efectuava o remate do imponente pano de muralha constituído por vários muros adossados longitudinalmente uns aos outros, conferindo deste modo estabilidade à estrutura pelo seu peso próprio. Com efeito, a escavação do sector mais ocidental desta muralha virada a sul, dominando a baía de Sesimbra, com orientação geral este-oeste, permitiria conhecer o modo como se processava o seu desenvolvimento face à topografia pré-existente, que ali sofre brusca inflexão para norte, correspondendo ao próprio contorno do morro calcário, de planta elipsoidal, cujo eixo maior é coincidente com a orientação geral da referida muralha (Fig. 2).

O sector escavado em 2008 permitiu verificar que, mais do que uma muralha, no sentido de estrutura pétreo destinada a circunscrever e defender um espaço confinado interiormente, se tratava antes de um parapeito, de assinalável largura, mas com nulo desenvolvimento em altura, destinado a formar um terraço artificial de fácil defesa, dado o assinalável desnível existente entre o respectivo coroamento e a encosta que se desenvolve logo abaixo dele.

Os resultados mais interessantes da escavação de 2008, consubstanciados nos materiais agora publicados, vieram demonstrar, pelas próprias condições em que estes se encontravam no terreno, que a superfície daquela estrutura posta à vista pela escavação correspondia à original, aquando do abandono do sítio arqueológico, nos finais do III milénio a.C.

2. Estratigrafia, fases culturais de ocupação e respectiva cronologia absoluta

A sucessão estratigráfica identificada mais completa, observada do lado norte do corte aberto pela escavação, pode ser descrita, globalmente, de cima para baixo, do seguinte modo, que não difere significativamente da primeira descrição apresentada (Cardoso, 2010, pp. 103, 104), à qual se associam os conjuntos artefactuais que constam das Fig. 3 a 11:

Camada 1 – terra vegetal castanho-chocolate, pouco compacta, com elementos pedregosos calcários muito abundantes, devido à contribuição dos derrubes da muralha adjacente (área não escavada), de onde provieram directamente (entre 0 e 0,20 cm de profundidade).

Os materiais arqueológicos mais modernos integram-se no Calcolítico Pleno da Estremadura, acompanhados de escassos elementos de cerâmicas mais antigas, o que facilmente se explica por transporte gravítico das peças, oriundas da zona mais alta da estação (acrópole), actualmente ocupada por afloramento rochoso. Esta camada atinge a espessura máxima de 0,20 m e, à superfície ou próximo dela, recolheram-se escassos fragmentos campaniformes do Grupo Internacional representado por vasos “marítimos” e outros (Fig. 3).

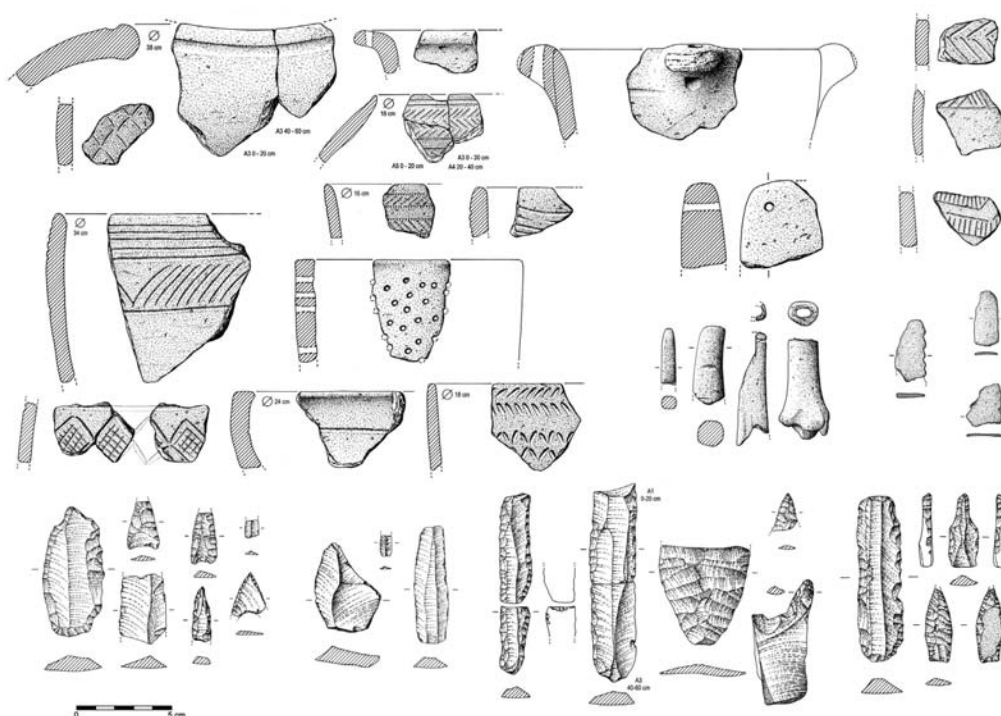


Fig. 3 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Materiais arqueológicos mais significativos recolhidos entre 0 e 20 cm de profundidade.

Camada 2 – camada terrosa mais clara e compacta que a anterior devido a uma maior percentagem de argila, com elementos pedregosos dispersos, mais raros e, em geral, de menores dimensões que os anteriores. Contém materiais cerâmicos que, pela tipologia e decoração, são predominantemente reportáveis ao Calcolítico Pleno da Estremadura na sua parte superior (entre os 0,20 e os 0,40 m de profundidade) (Figs. 4 e 5) e ao Calcolítico Inicial na sua parte inferior (também com 0,20 m de potência média, desenvolvendo-se entre os 0,40 e os 0,60 m de profundidade) (Figs. 6 e 7).

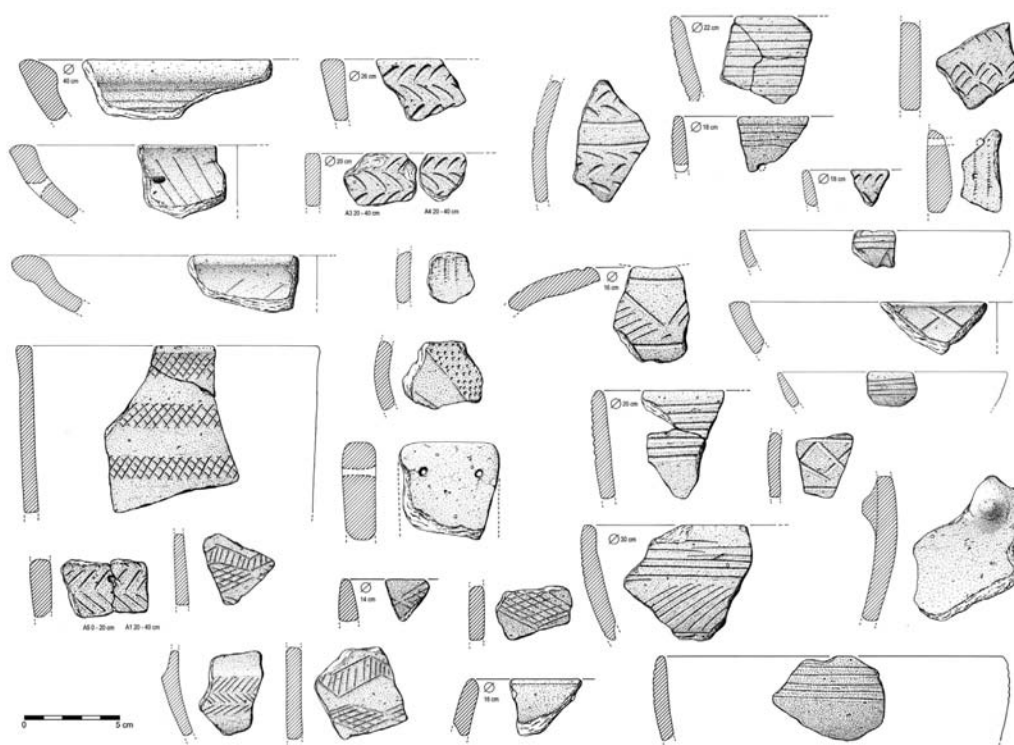


Fig. 4 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Materiais arqueológicos mais significativos recolhidos entre 20 e 40 cm de profundidade.

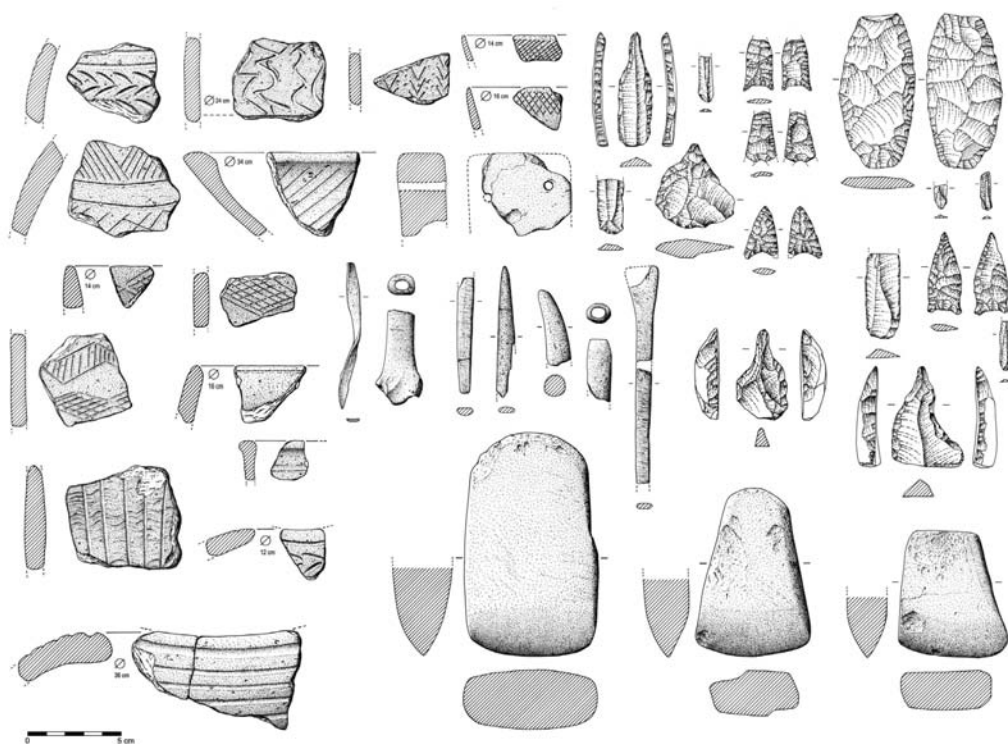


Fig. 5 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Materiais arqueológicos mais significativos recolhidos entre 20 e 40 cm de profundidade.

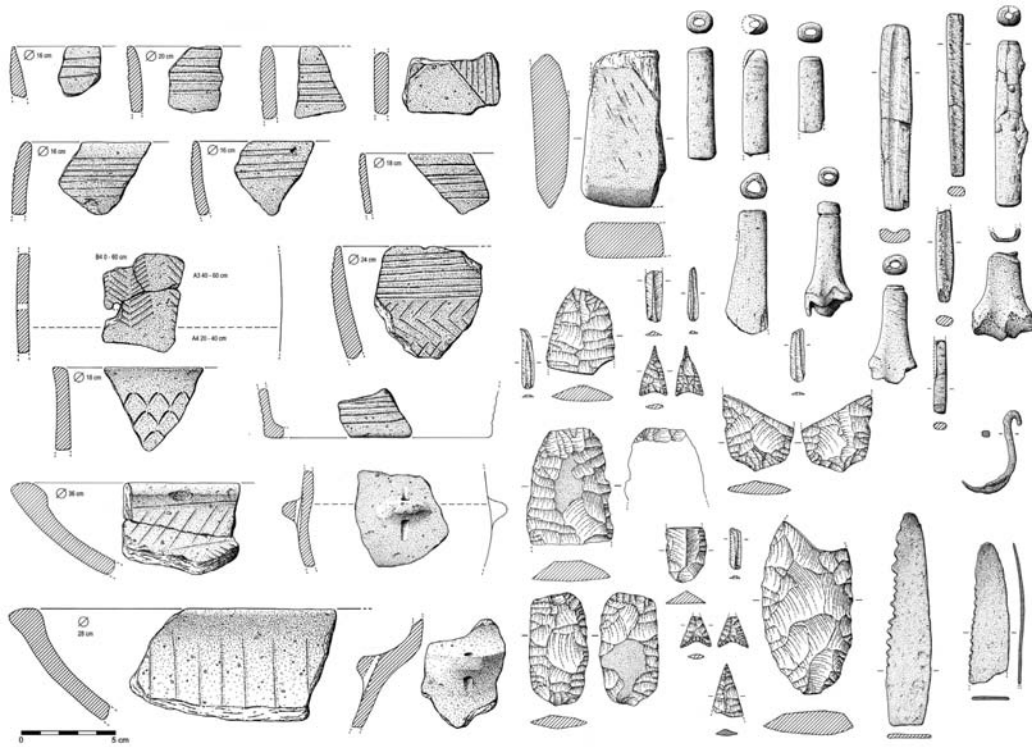


Fig. 6 Povoado calcítico fortificado do Outeiro Redondo. Materiais arqueológicos mais significativos recolhidos entre 40 e 60 cm de profundidade.

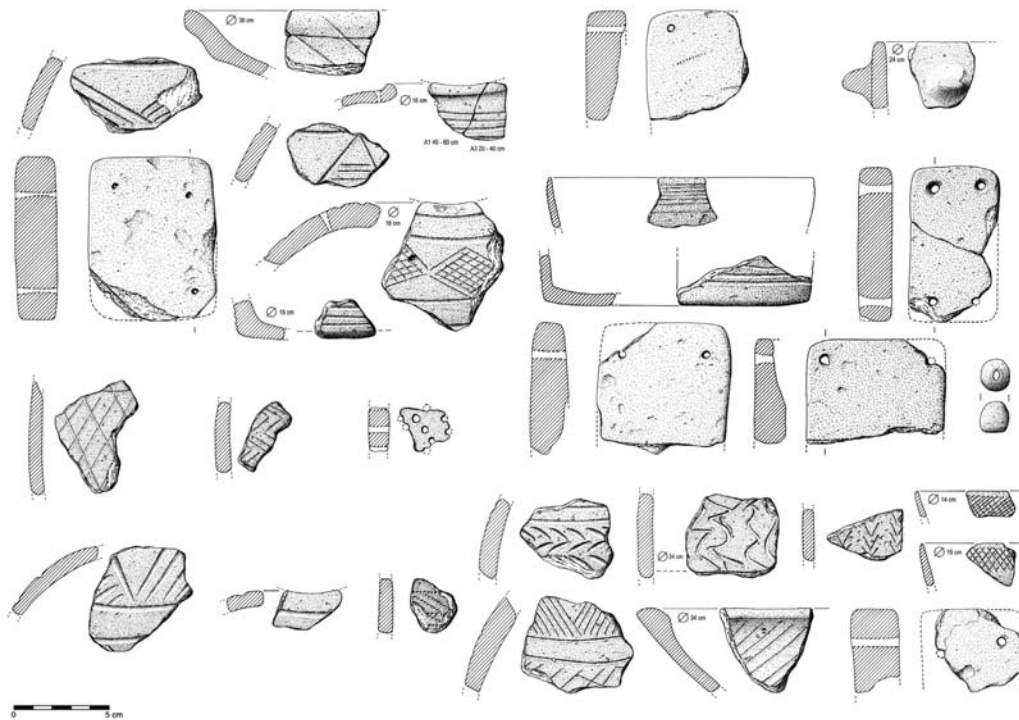


Fig. 7 Povoado calcítico fortificado do Outeiro Redondo. Materiais arqueológicos mais significativos recolhidos entre 40 e 60 cm de profundidade.

Camada 3 – Camada castanho-clara, argilo-margosa, com muitos blocos calcários de pequenas dimensões e inúmeras partículas carbonosas dispersas, com materiais cerâmicos característicos do Calcolítico Inicial da Estremadura (Figs. 8 a 10). Esta camada, que nem sempre se encontra representada na área escavada, está associada a um piso de ocupação, no qual foi identificada uma estrutura de combustão bem conservada. Possui a potência máxima de 0,60 m, desenvolvendo-se em média entre 0,60 e 1,20 m de profundidade.

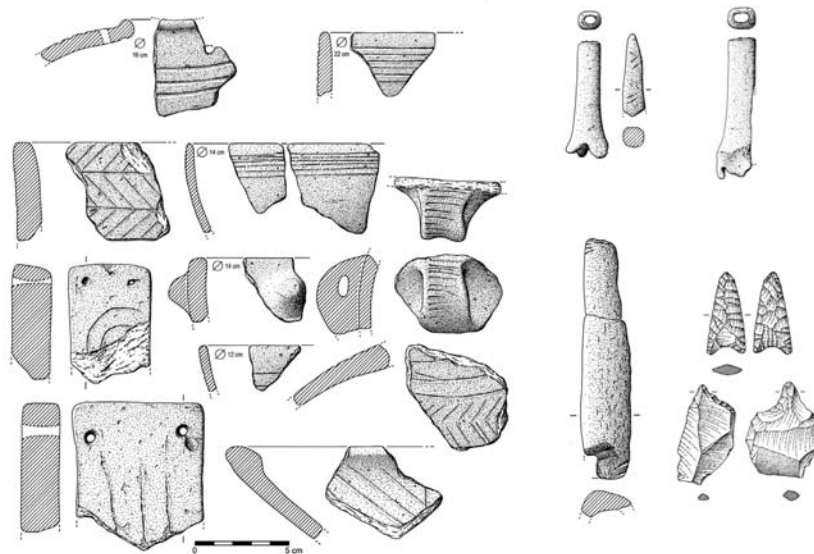


Fig. 8 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Materiais arqueológicos mais significativos recolhidos entre 60 e 80 cm de profundidade.



Fig. 9 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Materiais arqueológicos mais significativos recolhidos entre 80 e 100 cm de profundidade.

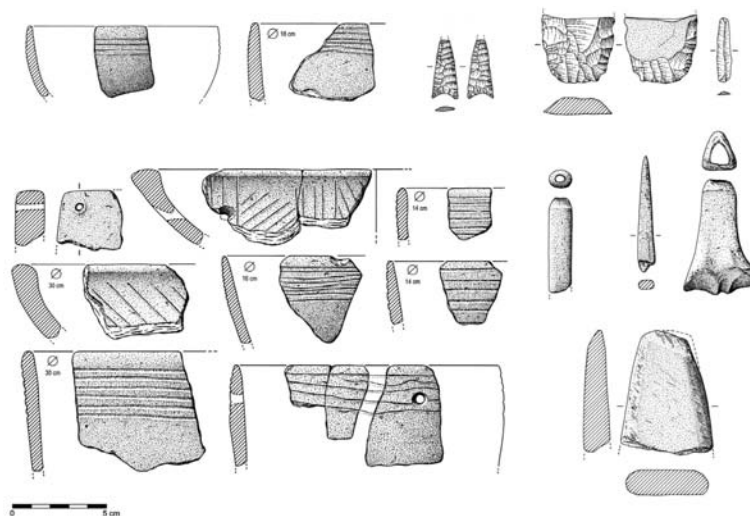


Fig. 10 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Materiais arqueológicos mais significativos recolhidos entre 100 e 120 cm de profundidade.

Camada 4 – de coloração castanho-avermelhada, com abundantes blocos de pequeno tamanho, em parte resultantes da desagregação mecânica do substrato rochoso, quase desprovida de espólio arqueológico, directamente assente naquele, de cuja alteração em parte resultou (*terra rossa*). O espólio arqueológico recolhido nesta camada é reportável ao Calcolítico Inicial (Fig. 11). Corresponde à primeira ocupação humana do outeiro, directamente sobre o substrato geológico, encontrando-se subjacente à muralha identificada do lado ocidental da área escavada, podendo, pois, concluir-se que se trata de uma ocupação anterior à construção da fase mais antiga do dispositivo defensivo.

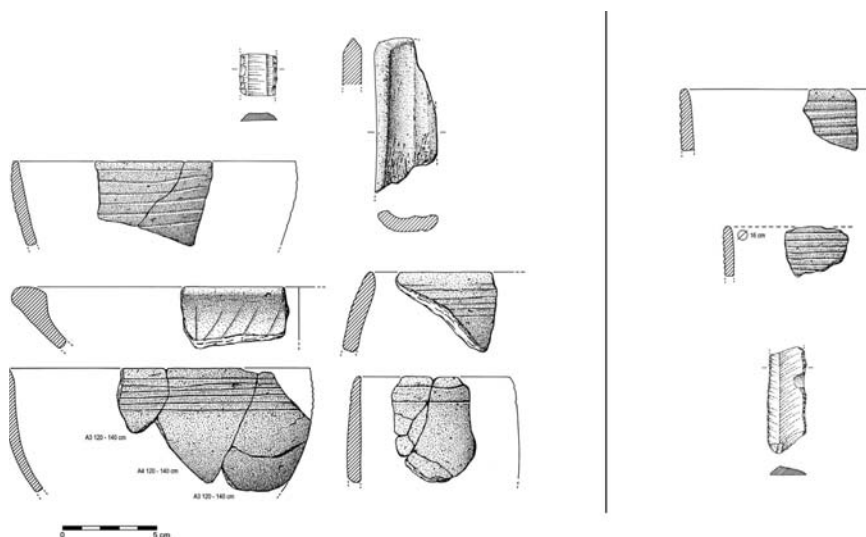


Fig. 11 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Materiais arqueológicos mais significativos recolhidos entre 120 e 140 (à esquerda) e entre 140 e 160 cm de profundidade (à direita).

Camada 5 – corresponde ao embasamento rochoso, muito irregular, aflorante aquando da primeira ocupação arqueológica, constituído por calcários brancos e duros do Jurássico (“Calcários de Azóia”). As anfractuosidades destes calcários encontram-se parcialmente preenchidas por depósito areno-argiloso avermelhado, resultante de processo de lapialização incipiente, ocorrido em época em que tais formações rochosas afloravam.

A descrição apresentada mostra que existe uma parte mais antiga da sequência estratigráfica com poucos problemas tafonómicos, visto os materiais encontrados serem tipologicamente coerentes e compatíveis com o Calcolítico Inicial; contudo, a partir de cerca de 0,80 m de profundidade e até à superfície, as misturas avolumam-se, por efeito da crescente influência da topografia, expressa aliás pela morfologia da encosta actual, e a atribuição crono-cultural só pode fazer-se de forma estatística. Tendo presente a existência, ainda que minoritária, de produções do Calcolítico Pleno do tipo “folha da acácia” até àquela profundidade e a realidade observada em Leceia, em que as referidas produções só excepcionalmente ocorriam na camada característica do Calcolítico Inicial, a conclusão a extrair é a de que a formação dos depósitos em causa se terá verificado no Calcolítico Pleno. Tal conclusão foi decisiva para a adequada interpretação dos resultados cronométricos obtidos.

A caracterização da cronologia absoluta da sequência identificada no Outeiro Redondo, com base nas datas de radiocarbono obtidas no Instituto Tecnológico e Nuclear, foi já objecto de trabalho anterior, onde se apresentaram os resultados obtidos e se procedeu ao respectivo tratamento e discussão (Cardoso, Soares & Martins, 2011). Concluiu-se então que a ocupação mais antiga do local se verificou em fase avançada do Calcolítico Inicial, correspondente à camada 3 e seguintes, situada entre 2610–2460 cal BC (2σ), enquanto a ocupação do Calcolítico Pleno se situou entre 2440–2110 cal BC (2σ). Deste modo, a primeira ocupação do sítio deverá ter ocorrido em meados do III milénio a.C., enquanto o Calcolítico Pleno se terá prolongado, neste sítio arqueológico, até meados do último quartel desse milénio (Fig. 12). É, pois, dentro da parte mais recente deste último intervalo que deverão ser integradas as duas peças que agora se publicam.

Com base na descrição da estratigrafia apresentada e nas características tipológicas dominantes do correspondente conteúdo arqueológico, as condições de jazida dos dois recipientes ora estudados, encontrados *in situ* a menos de 20 cm de profundi-

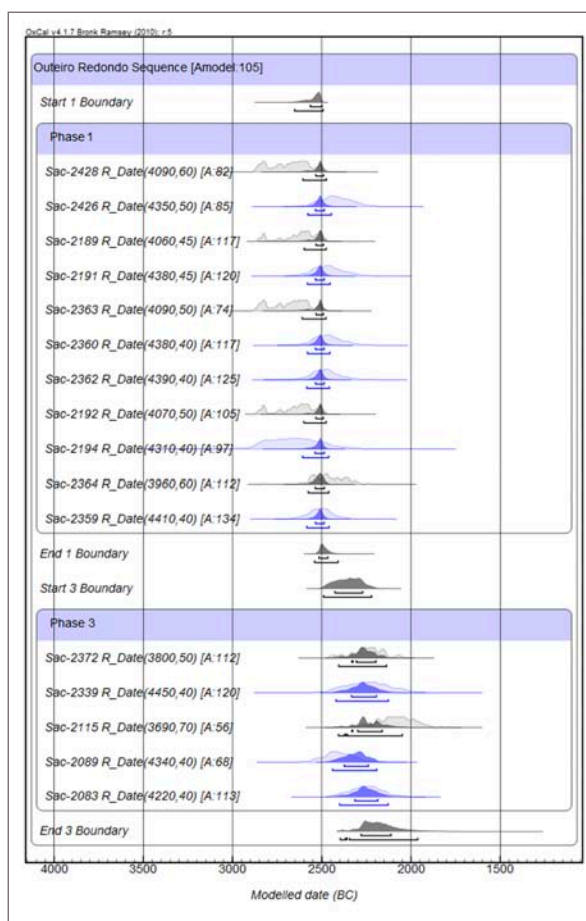


Fig. 12 Representação gráfica das distribuições de probabilidade das datas de radiocarbono calibradas do Outeiro Redondo, para a qual se fez uso das curvas IntCal09 e Marine09 (Reimer & alii, 2009) e do programa OxCal 4.1.3 (Bronk Ramsey, 2009). Negro: datas sobre ossos (colagénio); azul: datas sobre conchas marinhas.

dade, sob delgada camada terrosa pertencente ao topo da Camada 1 da sucessão estratigráfica, comprovam que pertencem à época imediatamente anterior ao abandono do local, não obstante a técnica e os padrões decorativos que ostentam serem também comuns ao Calcolítico Inicial da Estremadura, como adiante se verá.

3. Natureza dos achados

Trata-se de dois recipientes cerâmicos, um vaso globular de bordo reentrante e espessado, revirado para o interior (Fig. 13), e de uma taça, de bordo espessado e lábio proeminente fortemente convexo (Fig. 14), de pastas de boa qualidade, de textura média, duras e com cozeduras oxidantes/reductoras, conferindo às superfícies tonalidades castanho-avermelhadas, embora com extensas áreas mais escuras, acinzentadas a anegradas, possuindo eventualmente um efeito estético, pelos contrastes cromáticos produzidos (Figs. 15 e 16). As superfícies apresentam bom acabamento, por vezes exibindo brilho acetinado, especialmente evidente no recipiente globular, produzido por alisamento brunido, após secagem ao sol, antes da cozedura.

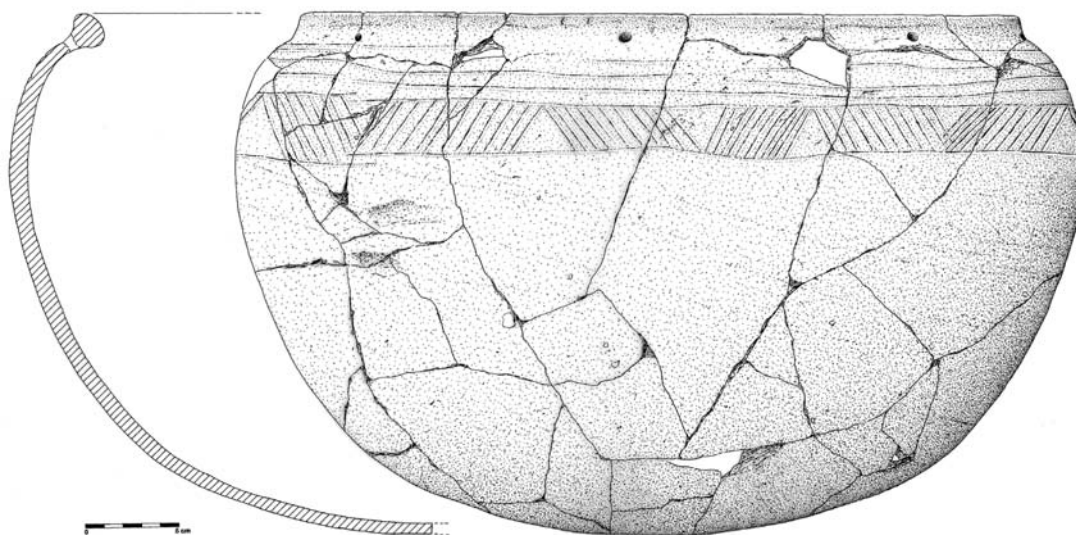


Fig. 13 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Grande vaso globular com decoração geométrica no bojo produzida pela técnica canelada.

A decoração foi realizada em ambos os casos por uma ponta romba, deslizando sobre a pasta fresca, integrando-se na designada técnica canelada.

O vaso globular possui, abaixo do bordo, um conjunto de perfurações cilíndricas, feitas na pasta mole, destinadas provavelmente a permitir a respectiva suspensão. Segue-se uma banda constituída por quatro caneluras paralelas e horizontais, e, logo abaixo, uma faixa delimitada por duas caneluras idênticas às anteriores, mais espaçadas, preenchidas interiormente por conjuntos oblíquos de bandas com diferente orientação, produzidas pela mesma técnica (Fig. 13).

A taça exhibe na face interna um conjunto de semicircunferências concêntricas, feitas a partir do bordo do recipiente, constituindo, caso o recipiente estivesse completo, oito conjuntos independentes, separados entre si. A parte restante da superfície interna encontra-se totalmente decorada por um padrão espinhado, formado por bandas diametrais grosseiramente paralelas, constituídas

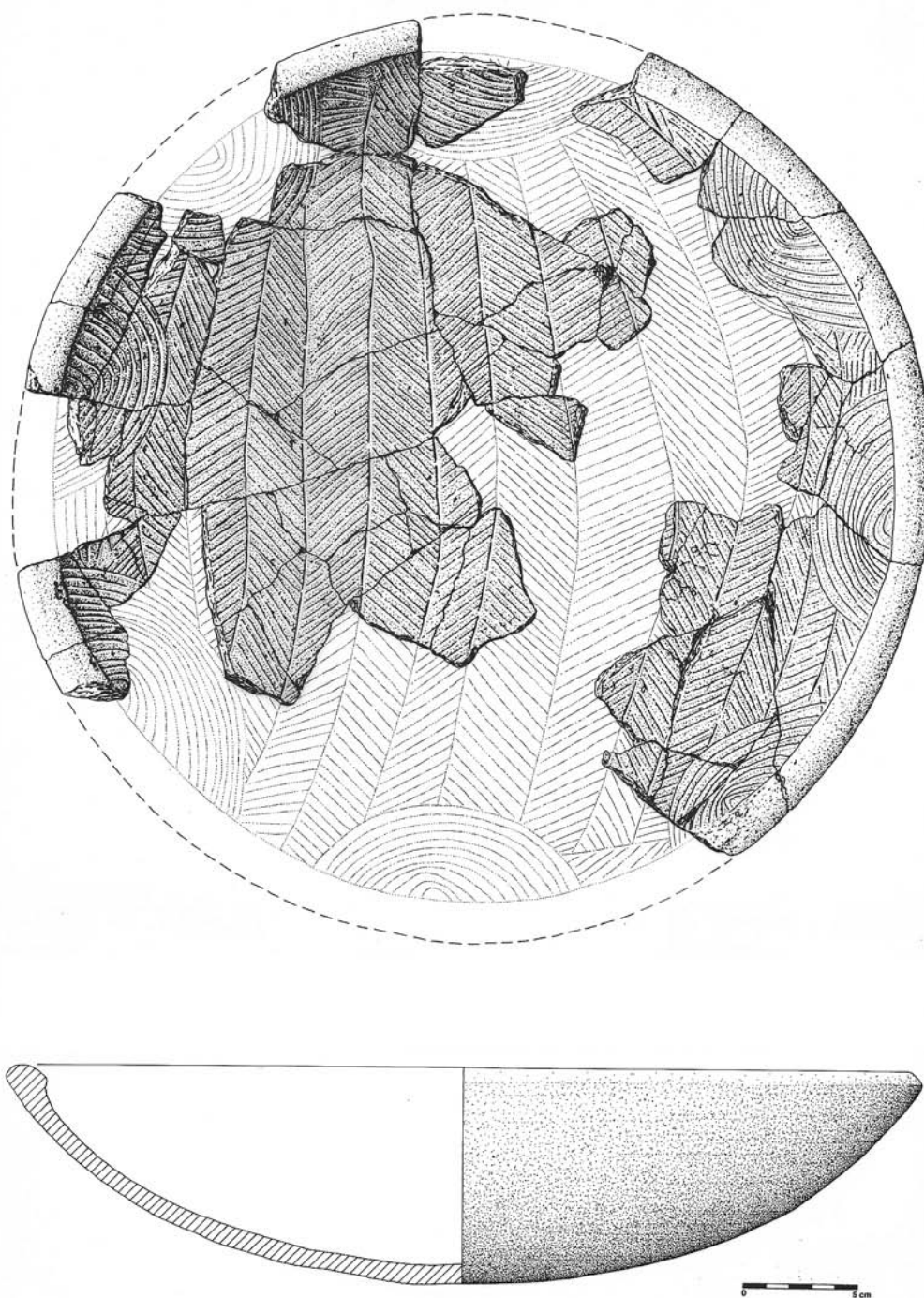


Fig. 14 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Grande taça de bordo espessado com decoração geométrica na parede interna produzida pela técnica canelada.

por caneluras de orientação alternada, assemelhando-se, neste aspecto, ao padrão exibido pelo vaso globular. Deste modo, tanto do ponto de vista técnico como sob o aspecto temático, as decorações exibidas nos dois recipientes evidenciam estreita analogia, destacando-se, no entanto, as representações das semicircunferências apenas patentes na taça.



Fig. 15 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Grande vaso globular após restauro. Foto A. Coelho-Soares.



Fig. 16 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Grande taça de bordo espessado após restauro. Foto A. Coelho-Soares.

4. Condições de jazida

A escavação realizada em 2008 estendeu-se, pelas razões acima indicadas, por área adjacente, do lado norte, à explorada em 2007. Junto ao limite da quadrícula e à escassa profundidade de 10 cm, começou a evidenciar-se um conjunto de fragmentos cerâmicos, dispostos em arco de círculo, parcialmente imbricados no terreno, aparentemente lisos, integrando um único recipiente (Fig. 17). A continuidade do trabalho permitiu identificar, em posição adjacente, um segundo conjunto de fragmentos, os quais não se mostravam imbricados, apresentando-se em posição sub-horizontal (Fig. 18). Estes dois conjuntos, dispostos ao mesmo nível no terreno, ocupavam posição do lado interno de um alinhamento de blocos que corresponde ao sector mais ocidental do talude pétreo posto a descoberto, definido por um maciço de blocos formando parapeito, cuja estabilidade era conferida pelo seu peso próprio (Fig. 19).

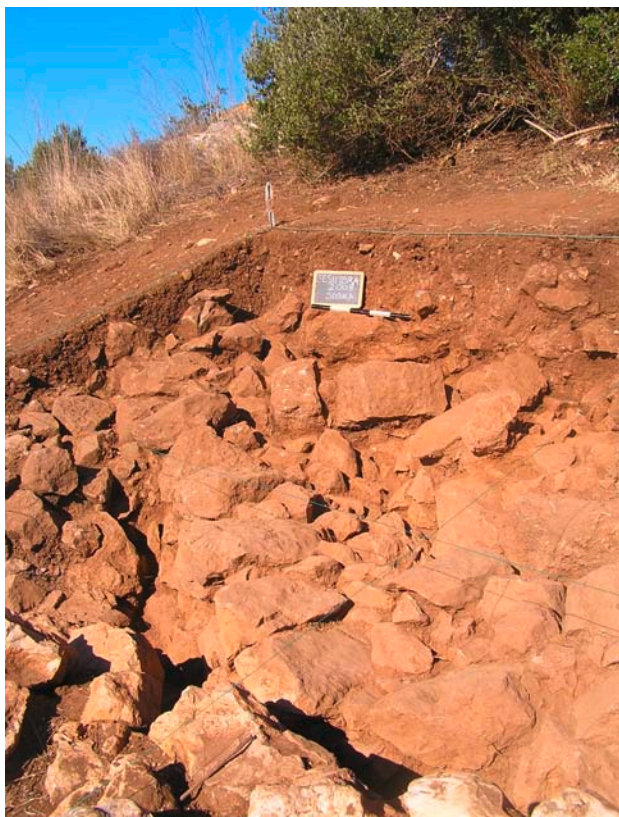


Fig. 17 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Aspecto da área escavada aquando do início da identificação do primeiro conjunto de fragmentos, correspondente ao grande vaso globular. Notar a posição imbricada dos fragmentos e a sua disposição em arco, correspondente ao contorno do recipiente. Foto F. Martins.



Fig. 18 Povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo. Aspecto da área escavada depois de identificado o segundo conjunto de fragmentos, do lado esquerdo, correspondente à grande taça de bordo espessado com decoração interna. De notar a completa ausência de fragmentos decorados visíveis, em resultado de a taça e o vaso globular terem sido depositados em posição invertida no terreno. Foto F. Martins.

A escassa profundidade a que jaziam estes dois exemplares, seguramente intactos aquando da sua deposição, indica que aquele espaço jamais foi agricultado ou sujeito a remeximentos, o que se explica não só pelo seu assinalável declive, mas sobretudo pela natureza muito heterogénea e pedregosa do solo, inviabilizando o seu aproveitamento. Tal facto permitiu, felizmente, reconstituir a sua posição exacta no terreno, através da cuidadosa extracção de todos os fragmentos (Fig. 20). Assim, constatou-se que o conjunto primeiramente identificado correspondia ao vaso globular, cuja abertura — representada pelos fragmentos com bordo — se encontrava voltada para baixo,



assim se explicando o facto de nenhum dos fragmentos postos à vista ostentar decoração, em virtude de a parede externa do vaso, na parte correspondente à decoração, se encontrar invertida. Estas observações confirmaram-se logo a seguir no que respeita à taça, corporizada pelo segundo conjunto de fragmentos: também em nenhum dos fragmentos postos a descoberto se observava decoração, nem a presença de bordo. Tendo presente o facto de só a superfície interna do recipiente se encontrar decorada, aquela observação só pode explicar-se admitindo que o recipiente foi também deposto em posição invertida, tal como o anterior.

Fig. 19 Povoado calcítico fortificado do Outeiro Redondo. Aspecto do sector escavado em 2008, após a remoção dos dois vasos, junto ao canto superior. Observa-se o topo da muralha-parapeito, constituída por enrocamento de blocos, cuja face exterior, definida por grandes blocos, apresenta desenvolvimento curvilíneo. Foto J. L. Cardoso.

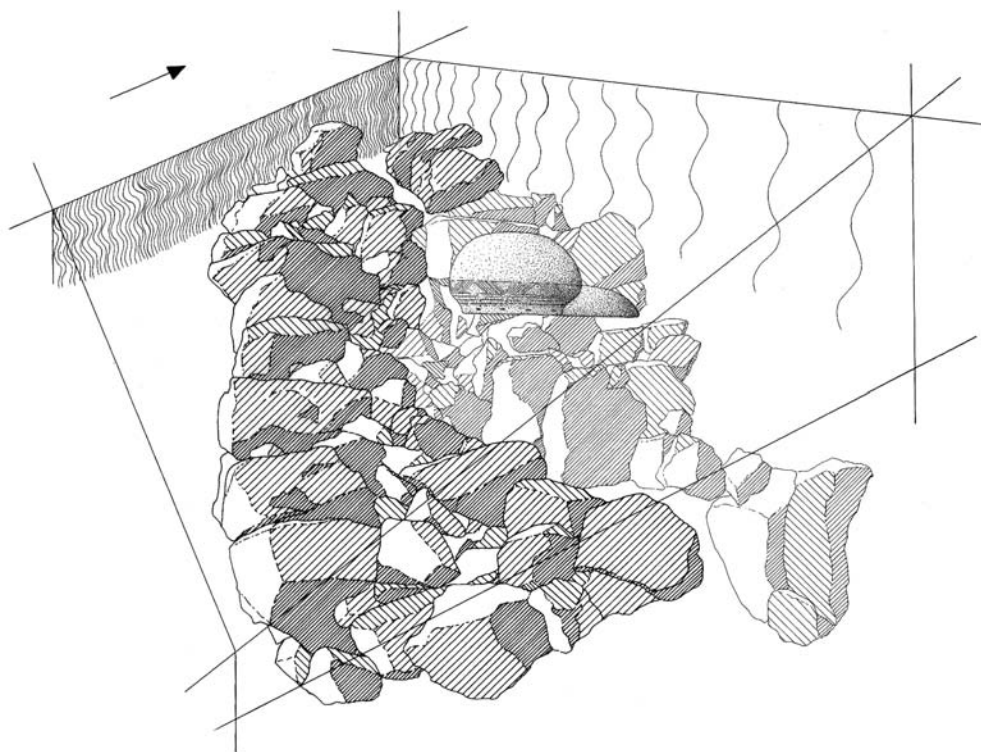


Fig. 20 Povoado calcítico fortificado do Outeiro Redondo. Desenho em perspectiva, com a implantação dos dois vasos no contexto da área escavada em 2008.

4. Discussão

4.1. Formas, padrões e técnicas decorativas

A técnica canelada, sendo característica do Calcolítico Inicial da Estremadura, conheceu desenvolvimentos no Calcolítico Pleno, como se comprova pela ocorrência de exemplares estratigrafados no povoado pré-histórico de Leceia, que a ostentam, especialmente taças com decoração interior, como é o caso da agora estudada.

Os motivos de bandas oblíquas com orientação alternada, delimitadas por caneluras, preenchidas interiormente, são comuns em contextos do Calcolítico Inicial, tanto em copos canelados, como em taças caneladas, correspondendo, naquele caso, ao espaço externo da parede dos recipientes que se sucede à faixa de caneluras horizontais que se desenvolvem imediatamente abaixo do bordo. São exemplos os fragmentos recolhidos em Leceia, em contextos do Calcolítico Inicial (Cardoso, 2007, Est. 65, n.º 20; Est. 71, n.º 17; Est. 73, n.ºs 15 e 16; Fig. 75, n.º 4; Fig. 81, n.º 11; Fig. 89, n.º 8; Fig. 91, n.º 10; Fig. 107, n.ºs 5 e 10; Fig. 109, n.º 2; Fig. 117, n.ºs 9 e 14; Fig. 123, n.ºs 1 e 3). As taças decoradas interiormente com aquele padrão encontram-se, por seu turno, representadas pelos seguintes exemplares da mesma estação e cronologia: Cardoso, 2007, Fig. 61, n.º 16; Fig. 83, n.º 9; Fig. 85, n.º 6; Fig. 111, n.º 3; Fig. 119, n.º 4.

Por outro lado, os padrões de semicircunferências observam-se, embora com maior raridade, tanto no interior de taças, como o exemplar do Outeiro Redondo, como na parede externa de copos canelados. Citam-se, de Leceia, as seguintes ocorrências recolhidas em contextos do Calcolítico Inicial:

- no interior de taças: Cardoso, 2007, Fig. 79, n.º 9; Fig. 85, n.º 2; Fig. 105, n.º 11; Fig. 119, n.º 6;
- na parede externa de copos: Cardoso, 2007, Fig. 73, n.º 18; Fig. 75, n.º 2; Fig. 89, n.º 10; Fig. 99, n.ºs 10 e 11; Fig. 101, n.º 7; Fig. 123, n.º 8.

Em contextos do Calcolítico Pleno daquela estação arqueológica, tanto os copos como as taças com decoração interna continuam a estar presentes, embora aqueles em menor quantidade. Foram compulsados os seguintes exemplares com o padrão de faixas preenchidas interiormente por linhas oblíquas com orientação alternada:

- de copos: Cardoso, 2007, Fig. 160, n.º 18; Fig. 182, n.º 13; Fig. 194, n.ºs 9 e 11; Fig. 210, n.º 6; Fig. 218, n.ºs 16 e 17; Fig. 226, n.º 11;
- de taças: Cardoso, 2007, Fig. 168, n.º 1; Fig. 186, n.º 6; Fig. 200, n.º 1;
- de grandes globulares: Cardoso, Fig. 192, n.º 8.

O motivo de semicircunferências é, comparativamente ao número de ocorrências anteriormente registado, muito mais escasso, encontrando-se representado apenas pelos seguintes exemplares:

- de copos: Cardoso, 2007, Fig. 218, n.º 11;
- de taças: Cardoso, 2007, Fig. 210, n.ºs 10 e 11.

A distribuição observada em Leceia destes dois padrões/motivos decorativos, com incidências cronológico-culturais, mostra que o padrão das bandas preenchidas internamente é mais comum que o motivo constituído pelas semicircunferências concêntricas, e que ambos persistem em contextos do Calcolítico Pleno, ainda que em número muito mais reduzido. Tal realidade sugere que as duas peças do Outeiro Redondo se poderiam situar preferencialmente no Calcolítico Inicial, conclusão que, no entanto, não é confirmada pelas respectivas condições de jazida: conforme se referiu anteriormente, as duas peças provêm do topo da ocupação mais moderna, do Calcolítico Pleno, período cronológico-cultural onde ocorre, ainda que com menor insistência, este tipo de padrões geométricos produzidos pela técnica canelada.

4.2. Sobre o modo de ocorrência

Ambos os recipientes foram depositos invertidos no terreno, com a respectiva abertura voltada para baixo, e dispostos lado a lado, encostados ao parapeito do talude, actualmente à profundidade de cerca de 10 cm (Fig. 20).

A realidade descrita é excepcional em contextos habitacionais de assinalável extensão, como é o caso, onde, via de regra, os achados cerâmicos se apresentam extremamente fragmentados e incompletos, contrastando com a presença destes dois recipientes de grandes dimensões que, na altura da deposição, se encontravam inteiros. Por outro lado, a intencionalidade do modo da sua colocação, não se podendo associar a nenhuma razão de ordem funcional, remete para o domínio do simbólico.

Em sociedades subactuais, a deposição, em contextos domésticos, de recipientes de borco, como os agora identificados, remete para espaços e objectos que deixaram de ser utilizados pelos vivos, pretendendo-se com a deposição ritual simbolizar a sua definitiva incorporação no mundo dos antepassados. Um caso expressivo desta realidade foi identificado pelo signatário em escavação que dirigiu na ilha de São Vicente (República de Cabo Verde). Sob o piso de terra batida de uma habitação de origem colonial, dos séculos XVII e XVIII, foram enterrados dois vasos com a abertura virada para baixo (Figs. 21 e 22), ritual que, simbolizando a perda da finalidade de tais peças do quotidiano, corporizou o abandono definitivo daquele espaço, até então residência de vivos (Cardoso & Soares, 2010).

Embora tal prática deva, naquele caso concreto, ser interpretada à luz da realidade africana, importava procurar e sistematizar, no campo da arqueologia do território português, exemplos do depósito ritual de vasos, reveladores da utilização de peças do quotidiano em cerimónias associadas à própria ocupação do espaço habitado. Até agora, o exemplo mais notável, envolvendo a deposição de grandes recipientes associada à de grandes bovídeos, foi encontrado no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), identificado e detalhadamente descrito por Afonso do Paço, embora, à época, a importância se tenha centrado no achado do grande cerâmico, mais do que na presença dos restos do bovídeo a ele associados (Paço, 1943). Só muito mais tarde, esta singular ocorrência foi devidamente valorizada (Gonçalves, 1994). Não obstante, a reconstituição da cerimónia foi apresentada, logo em 1943, de forma detalhada, correspondendo à seguinte sequência:

- 1 – Escavação do subsolo, de grandes dimensões, que atingiu 2,60 m na parte mais profunda, contados a partir da actual superfície do terreno, delimitada de dois lados por uma linha de pedras. A camada arqueológica correspondia aos 0,60 m superiores do enchimento; esta escavação foi, depois de cumpridos os preceitos rituais que estiveram na origem da sua execução,



Fig. 21 Cabana dos séculos XVII/XVIII da baía de Salamansa (ilha de S. Vicente, República de Cabo Verde). À direita, o vaso encontrado em 1998 no subsolo da habitação. Note-se o piso do interior da habitação, evidenciado por passagem de argila pisada e rubefactada pelo calor, e a fossa nele aberta para o depósito do recipiente em posição invertida. Escavações dirigidas por J. L. Cardoso. Foto J. L. Cardoso.



Fig. 22 Cabana dos séculos XVII/XVIII da baía de Salamansa (ilha de S. Vicente, República de Cabo Verde). Ao centro, encostado ao muro da cabana, observa-se o segundo vaso encontrado em 2005, no subsolo da habitação identificada e parcialmente escavada em 1998. Note-se o mesmo tipo de deposição evidenciada pelo exemplar identificado em 1998 e dele distanciado cerca de 1,5 m. Escavações dirigidas por J. L. Cardoso. Foto J. L. Cardoso.

colmatada por depósito compacto de barro amassado, formando enchimento que atingia, portanto, cerca de 2 m de espessura máxima;

2 – Antes de se ter procedido ao aludido enchimento, depositou-se, na parte mais funda da escavação, um bovino, disposto na direcção norte-sul, e talvez outros animais, tendo presentes os restos de veado, porco/javali e cabra/ovelha encontrados nesse nível; encontrou-se também uma valva de *Pecten* sp. (vieira), uma faca e um raspador, bem como fragmentos de mais “duas ou três vasilhas”;

3 – Junto aos corpos desses animais, sacrificados na ocasião, fez-se uma fogueira, bem visível do lado da cabeça do bovino, e colocou-se ao lado um recipiente liso;

Por cima do conjunto anterior, despejou-se barro amassado, atingindo cerca de 0,50 m de espessura, não se encontrando a fogueira completamente extinta, como se deduz dos fragmentos de carvões encontrados;

4 – Sobre esta primeira camada de barro amassado, e na vertical da barriga do bovino, colocou-se uma grande taça lisa, com 0,38 m de altura e 0,58 m de diâmetro, assente em pequenas pedras, que circundavam lateralmente todo o recipiente. No interior, recolheram-se pequenos fragmentos cerâmicos, uma valva de amêijoia e “restos” de machado de pedra polida;

5 – As pequenas pedras que circundavam o recipiente cobriam-no também, formando uma espécie de carapaça que o protegia por todos os lados;

6 – A colmatagem da escavação continuou com barro amassado, conjuntamente com materiais arqueológicos fragmentados, que se misturaram com a argamassa, casual ou intencionalmente, atingindo este depósito a altura de cerca de 1 m acima do bordo da grande taça;

7 – Do lado oriental da escavação, e dentro dela, que ali atingia menor profundidade, encontraram-se restos de outro bovino, aparentemente depositado ao mesmo tempo do anterior e relacionando-se assim com idêntico momento do mesmo ritual.

Como muito bem observou A. do Paço, estes testemunhos correspondem a “uma cerimónia religiosa, praticada certamente no princípio, talvez uma consagração do local levada a cabo pelos habitantes do “castelo” quando ali se estabeleceram (...)” (Paço, 1943, p. 143). A localização destes vestígios, no contexto da fortificação calcolítica que posteriormente ali se pôs a descoberto, corresponde a área situada no exterior do reduto central, entre este e a segunda linha amuralhada; no entanto, a ocorrência de materiais arqueológicos fragmentados, de mistura com o depósito de barro amassado, faz admitir que esta cerimónia não correspondesse exactamente ao início da ocupação do sítio, mas a etapa em que se procurou sacralizar o povoado, ou uma área ainda não ocupada deste.

Se, em Vila Nova de São Pedro, a cerimónia descrita corresponde inquestionavelmente a um registo fundacional, envolvendo a utilização de um grande recipiente cerâmico, em oposição, existem evidências da utilização ritual de recipientes cerâmicos no decurso da ocupação dos próprios sítios. Infelizmente, estes só excepcionalmente foram registados, o que se explica pela própria fragilidade dos restos. Um dos exemplos corresponde ao depósito ritual que foi encontrado no interior de fossa existente no povoado calcolítico do Mercado Mourão. Trata-se de estrutura negativa “de pequenas dimensões, revestida por fragmentos cerâmicos e que continha a deposição de alguns ossos de animais inteiros, entre os quais um calcâneo de um bovino recém-nascido, e uma pequena taça igualmente intacta” (Valera, 2007, p. 161). Esta evidência, cujo significado não deixa de sugerir judiciosas considerações ao autor da publicação, integra-se num conjunto de situações semelhantes que, recentemente, têm vindo a ser identificadas no Alentejo, por via das múltiplas intervenções realizadas no âmbito de minimização de impactes ambientais (comunicação de António Valera, de Fevereiro de 2011).

Mais para norte, o referido autor assinalou a deposição ritual de fragmentos de vasos campaniformes ao longo do trajecto de circulação interna no recinto da Fraga da Pena (Fornos de Algodres); também ali, a colocação de um vaso inteiro na extremidade do alinhamento pétreo que dá sequência à entrada daquele recinto configura outro aproveitamento ritual (Valera, 2007, p. 452).

No povoado de Cachouça (Idanha-a-Nova), situado em área planáltica da Beira Interior, debruçado sobre esporão dominando amplo vale, delimitado por talude artificial de pedra e de terra, os cortes estratigráficos nele efectuados evidenciaram a deposição intencional de dos vasos, envolvendo práticas rituais opostas (Vilaça, 2008, p. 71). Assim, à colocação de um recipiente quase intacto, na base do talude, no Bronze Final, interpretado como “depósito de fundação”, sucedeu-se, noutra zona do talude, o achado de uma taça com decoração penteada, integrável nas produções mesetenhas da I Idade do Ferro que, segundo a autora citada, foi intencionalmente quebrada *in situ*, assinalando o abandono do povoado. Pode, pois, ser interpretada à luz das convenções ainda hoje vigentes em certos grupos africanos, onde a quebra de recipientes se associa à morte e, ao mesmo tempo, à reafirmação da vida. Aliás, as reminiscências desse culto ainda actualmente se poderão vislumbrar na quebra intencional de velhos tachos e panelas, no final de cada ano, em que se comemora o advento de um novo ano ou pelo Carnaval, que inaugura um novo ciclo. Assim, a leitura estratigráfica e ritual do talude existente no povoado da Cachouça marcaria, para Raquel Vilaça, dois momentos da vida do próprio aglomerado humano: um marcaria o princípio, o outro, o fim.

Ao Bronze Final pertence também outra ocorrência em contexto doméstico identificada no Cabeço do Crasto de S. Romão (Seia), considerada ritual por J. C. de Senna-Martinez, responsável pela exploração do sítio (comunicação pessoal de Março de 2011), embora tal aspecto não seja mencionado em publicação alusiva à descoberta (Senna-Martinez, 2000). Assim, no Sector C, por debaixo de uma estrutura relacionada com a torrefacção de bolota, “preenchendo o seu fundo e penetrando sob a rocha que a cobre a ocidente” (Senna-Martinez, 2000, p. 142), deparou-se, embalada em sedimento bastante argiloso castanho-amarelado, considerado pelo referido arqueólogo de origem exógena, um vaso inteiro, com um cuidado acabamento brunido das superfícies e decoração incisa pós-cozedura, acompanhado por diversos recipientes fragmentados.

Em épocas ulteriores, continuaram a verificar-se aproveitamentos de recipientes associados a rituais de abandono. Em contextos da II Idade do Ferro do Sul de Portugal, avulta o exemplo da estação dos Chãos Salgados (Miróbriga?). Nas escavações efectuadas em 1982, na área culminante da estação, foi explorada estrutura da Idade do Ferro, atribuída sob reserva a templo. Sob o piso de terra batida do interior daquela construção, foram enterradas duas taças, ambas com a abertura voltada para a terra, contendo uma delas restos de uma ave (Soren, 1983). A tipologia das taças, segundo C. Tavares da Silva e J. Soares, consultores do referido projecto, aponta para o século I a.C. ou inícios do século I d.C. Uma foto do interior deste compartimento mostra a posição dos dois recipientes no terreno (Soren, 1983, Fig. 7).

A presença de uma ave aprisionada no interior de um dos recipientes do final da Idade do Ferro/Época Republicana dos Chãos Salgados/Miróbriga (?), a que se seguiu, mais tarde, descoberta análoga, efectuada aquando da escavação de uma *domus* já de Época Imperial, sob uma tigela (Barata, 1999), não é caso único: na *villa* romana da Freiria (Cascais), foi, de igual modo, identificado um pote enterrado de boca voltada para a terra, contendo restos de jovem galináceo (Cardoso, 2002). A deposição foi efectuada no interior de complexo termal do século III/IV d.C., já então abandonado à data daquela, o que é compatível com a tipologia do pote, do século IV ou dos inícios do século V d.C. A sua posição em camada de abandono do complexo termal permite concluir, segundo o referido autor, que se estaria, quando muito, perante um ritual de abandono.

Este poderia relacionar-se com o apaziguamento dos espíritos malignos: “Nos rituais romanos, uma oferta enterrada dirigia-se sempre ao campo de acção do mundo dos mortos, sejam divindades infernais, cultos de fundação e rituais iniciáticos, cujo fim residia na esperança de ressurreição e vida eterna” (Cardoso, 2002, p. 267).

Também na *villa* romana do Monte da Chaminé (Grândola), as escavações efectuadas permitiram pôr a descoberto um fundo de provável pote de pé anelar, devidamente recortado, colocado em posição invertida no terreno situado entre dois muros de sustentação do celeiro. Tal evidência foi interpretada como ritual propiciatório ou de fundação do referido edifício (Amaro, Pina & Ramos, 2008).

Deve ainda referir-se a identificação de deposição intencional de tigelas observada na ilha do Pessegueiro: aquando do abandono de um compartimento do século I d.C., foram introduzidas nas cavidades naturais existentes no piso natural formado pelo substrato geológico “peças cerâmicas, por vezes inteiras (tigelas colocadas de boca para baixo)” (Silva & Soares, 1993, p. 63).

É à luz destas considerações que se poderá também interpretar a descoberta, no decurso das escavações dirigidas por M. Heleno na estação romana de Tróia (Grândola), nos inícios da década de 1960, de um grande alguidar colocado de boca para baixo, situado próximo de uma necrópole dos séculos IV/V d.C., ocupando área adjacente ao *columbarium* ali existente (Fig. 23). A cuidada

deposição deste grande recipiente — a que se junta a identificação de outro, no decurso das recentes intervenções coordenadas por Inês Vaz Pinto — aparentemente sem relação com qualquer oferenda, não deixa dúvidas quanto à intencionalidade da deposição.

Em resumo: desde o final da Idade do Ferro, até ao final da Época Romana, são vários os contextos identificados em território português onde a prática de colocar recipientes invertidos, aprisionando nalguns casos pequenas aves, se pode associar a rituais de fundação ou de abandono definitivo de zonas habitadas, sempre de carácter propiciatório, protegendo de qualquer modo os vivos que se acabavam de instalar ou aqueles que abandonavam o local, até então habitado, podendo também associar-se a práticas funerárias, as quais também não deixariam de revestir carácter propiciatório para a alma do defunto, como terá sido o caso identificado em Tróia.

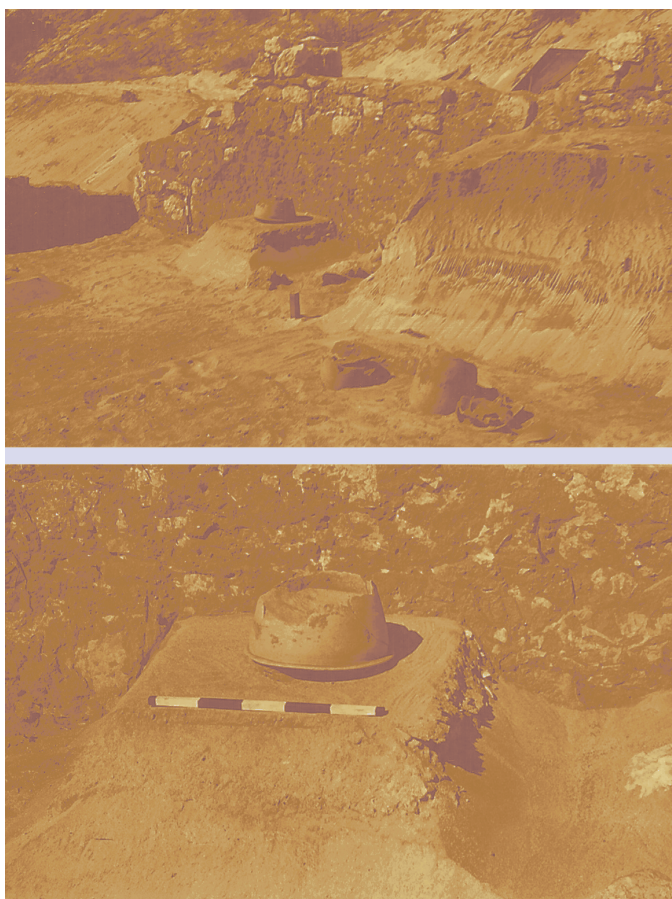


Fig. 23 Estação romana de Tróia (Setúbal). Grande alguidar colocado intencionalmente em posição invertida no exterior de um possível armazém do século I d.C. e nas proximidades de necrópole dos séculos IV/V d.C., visível em primeiro plano, em cima. Em baixo: pormenor da deposição. Foto Arquivo M. Farinha dos Santos.

6. Conclusões

A identificação de dois recipientes colocados ritualmente em posição invertida, conotáveis com a derradeira fase de ocupação do povoado calcolítico do Outeiro Redondo (Sesimbra), e deste modo com uma cerimónia de abandono do próprio sítio arqueológico, conduziu à procura de exemplos comparáveis. Tal procura estendeu-se, depois, às evidências de utilização ritual, em contextos habitacionais, de recipientes cerâmicos, desde a época a que pertencem os exemplares em causa até à Época Romana. Teve-se ainda em consideração o contributo da Etnografia e da Arqueologia africanas, através da experiência do signatário, relacionada com intervenção arqueológica que dirigiu em unidade doméstica do século XVII/XVIII da ilha de São Vicente (República de Cabo Verde). Sem se pretender assumir a continuidade desta prática ritual no actual território português, desde o Calcolítico até pelo menos à Época Romana, por poder tratar-se de uma simples convergência, recorrentemente verificada ao longo da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, é à luz destes exemplos que se deverá interpretar o achado do Outeiro Redondo. Deste modo, as evidências assinaladas através do uso ritual de recipientes cerâmicos em contextos habitacionais podem ter um significado ligado ao próprio quotidiano, como no povoado de Fraga da Pena (Fornos de Algodres). Mas as evidências são mais abundantes e expressivas no que se refere quer às práticas de natureza fundacional, quer as relacionadas com o abandono; por vezes, dada a presença de aves sacrificadas, tais rituais poderiam também revestir uma função propiciatória, incluindo o mundo funerário, o que não é incompatível com as duas funções mencionadas, também elas não incompatíveis entre si.

A terminar, deve referir-se que as duas peças estudadas se encontram expostas na exposição permanente organizada no Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal sobre Arqueologia do Distrito de Setúbal.

Agradecimentos

A António Valera, Carlos Tavares da Silva, Victor S. Gonçalves, J. C. de Senna-Martinez, José Carlos Quaresma e Inês Vaz Pinto, pelas informações que disponibilizaram, as quais muito enriqueceram a discussão apresentada.

A Filipe Martins e a Antónia Coelho-Soares, respectivamente pelos desenhos e pelas fotos dos recipientes que ilustram este trabalho.

NOTAS

* Professor Catedrático de Arqueologia e Pré-História da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.
arqueolo@univ-ab.pt

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AMARO, Clementino; PINA, Maria João; RAMOS, Sara (2008) - *Villa romana do Monte da Chaminé, Ferreira do Alentejo*. Oitava campanha arqueológica. *Al-madan*. Almada. Série II. 16, pp. 164–165.
- BARATA, Maria Filomena (1999) - As habitações de Miróbriga e os ritos domésticos romanos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 2:2, pp. 51–67.

- BRONK RAMSEY, Christopher (2001) - Development of the radiocarbon calibration program OxCal. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 43:2A, pp. 355-363.
- CARDOSO, Guilherme (2002) - Práticas mágicas na *villa* romana de Freiria. In *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 265-267.
- CARDOSO, João Luís (2007) - As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, pp. 9-276.
- CARDOSO, João Luís (2010) - O povoado calcolítico fortificado do Outeiro Redondo (Sesimbra). Resultados das escavações efectuadas em 2005. In *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e. (Cascais, 2005)*. Actas. Cascais: Câmara Municipal, p. 129.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, António M. Monge (2010) - A estação arqueológica de Salamansa (ilha de São Vicente, República de Cabo Verde). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13, pp. 167-214.
- CARDOSO, João Luís; SOARES, António M. Monge; MARTINS, J. M. M. (2010-2011) - Fases de ocupação e cronologia absoluta da fortificação calcolítica do Outeiro Redondo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18 (no prelo).
- GONÇALVES, Victor S. (1994) - O Castelo de Vila Nova de S. Pedro. Um típico povoado calcolítico fortificado do 3.º milénio. *Lisboa Subterrânea*. Catálogo da Exposição. Lisboa-Capital Europeia da Cultura '94, pp. 49-51.
- PAÇO, Afonso do (1943) - Uma vasilha de barro, de grandes dimensões, do "castro" de Vila Nova de São Pedro. In *IV Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências. 7.ª Secção – Ciências Históricas e Filológicas (Porto, 1942)*. Actas. Porto: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, pp. 132-143.
- REIMER, Paula J.; BAILLIE, Mike G. L.; BARD, Edouard; BAYLISS, Alex; BECK, J. Warren; BERTRAND, Chanda J. H.; BLACKWELL, Paul G.; BRONK RAMSEY, Christopher; BUCK, Caitlin E.; BURR, George S.; EDWARDS, R. Laurence; FRIEDRICH, Michael; GROOTES, Pieter M.; GUILDERSON, Thomas P.; HAJDAS, Irka; HEATON, T. J.; HOGG, Alan G.; HUGHEN, Konrad A.; KAISER, Klaus Felix; KROMER, Bernd; McCORMAC, F. Gerry; MANNING, Stuart W.; REIMER, Ron W.; RICHARDS, D. A.; SOUTHON, John R.; TALAMO, Saira; TURNEY, Chris S.; VAN DER PLICHT, Johannes; WEYHENMEYER, Constanze E. (2009) - IntCal09 and Marine09 radiocarbon age calibration curves, 0-50,000 years cal BP. *Radiocarbon*. Tucson, AZ. 51:4, pp. 1111-1150.
- SENNA-MARTINEZ, João Carlos (com a colab. de I. Pedro) (2000) - O "Grupo Baiões/Santa Luzia no quadro do Bronze Final do Centro de Portugal. In SENNA-MARTINEZ, João Carlos; PEDRO, Ivone, eds. - *Por terras de Viriato. Arqueologia da região de Viseu*. Viseu: Governo Civil/ Museu Nacional de Arqueologia, pp. 119-146.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1993) - *Ilha do Pessegueiro. Porto romano da costa alentejana*. Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- SOREN, David (1983) - Excavations at *Mirobriga*, the 1982 season. The forum area. *Muse*. Columbia, MO. 16, pp. 29-42.
- VALERA, António Carlos (2006) - A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4.º aos inícios do 2.º milénio AC. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7, pp. 137-210.
- VALERA, António Carlos (2007) - *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3.º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Braga: Associação Terras de Algodres.
- VILAÇA, Raquel (2008) - *Através das Beiras. Pré-História e Proto-História*. Coimbra: Palimage.